



A INFÂNCIA RE-INVENTADA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO - OS FILHOS E FILHAS DOS/AS ESTUDANTES QUE VIVEM NAS CEUs¹

Keila de Oliveira (UFSM)

Ethiana Sarachin Ramos (UFSM)

Resumo:

Este artigo emerge do projeto de pesquisa Infância, Juventude e Formação Educacional: um estudo sobre a vida cotidiana dos 'pais' e das crianças seus filhos e filhas que vivem nas Casas do Estudante (CEUs) da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa tem como foco de investigação os meandros da vida cotidiana dos jovens e das crianças no interior das CEUs. Nesse artigo dissertaremos sobre as vivências das crianças no interior da moradia estudantil, as relações construídas com os/as jovens, as maneiras como instituem novas culturas num lugar criado para moradia de jovens que se transforma com a presença das crianças e as maneiras como se relacionam e vivem seus cotidianos intensamente marcados pela cultura universitária. Evidencia-se que as infâncias vividas pelas crianças moradoras das CEUs são plurais, mas únicas no que diz respeito às maneiras como se estabelecem como produtoras de novas culturas e também como são influenciadas pelas maneiras juvenis de ser e estar no mundo.

Palavras-Chave: Infâncias; Culturas Infantis; Cotidiano

Introdução

Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. (ARENDR, 2007, p. 235)

Este artigo versa sobre crianças que foram trazidas ao mundo e introduzidas em um contexto sócio-cultural, inicialmente não concebido para ser habitado por elas. Os pais e mães, estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), oriundos de diferentes cidades do interior do Rio Grande do Sul e também de outros estados do Brasil, através da comprovação de carência econômica adquirem o direito de residir na Casa do Estudante

¹

Casa do Estudante Universitário

Universitário (CEUs) da UFSM. Ao iniciar a vida acadêmica, residindo na Casa do estudante da UFSM muitos deles iniciam novos percursos de vida, tanto em relação à formação acadêmica como em relação à vida pessoal. Longe da família, as redes de amigos e o namoro, às vezes, se constituem como importantes relações horizontais que auxiliam os/as jovens a superar os sentimentos de ausência dos familiares. Muitos desses jovens e dessas jovens, durante o período em que estão estudando, constituem suas próprias famílias, outras vezes nem chegam a formalizar uma união conjugal e se vêem diante da maternidade e paternidade. Alguns por descuido, como os próprios/as jovens revelaram durante a pesquisa, outros/as para consolidar a união com o/a namorado/a, cuja família discordava do namoro e outros/as porque consideravam o momento ideal para terem filhos/as. Fato é que esse fenômeno implica na presença de crianças no interior das CEUs, essa presença nos desafia a pensar, mais uma vez, acerca da infância, problematizando o universo infantil e tentando compreender quem é esse sujeito criança.

Essas crianças filhos/as dos/as estudantes têm direito a frequentar a instituição de Educação Infantil hoje denominada Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA). Até Janeiro de 2012 UEIIA² era denominada Núcleo de educação Infantil Ipê Amarelo (NEIIA), vinculado ao programa de ensino, pesquisa e extensão do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) do Centro de Educação da UFSM. A Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo possui papel importante na educação das crianças possibilitando o direito de convívio com outras crianças e uma educação de qualidade. Também viabiliza a continuidade da formação dos pais e mães sem que se afastem do convívio com seus filhos/as.

O acompanhamento desses/as jovens e das crianças decorre do projeto de pesquisa Infância, Juventude e Formação Educacional: um estudo sobre a vida cotidiana dos ‘pais’ e das crianças seus filhos e filhas que vivem nas CEUs da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa vem sendo realizada desde o mês de Abril de 2010 e tem como foco de investigação compreender os meandros da vida cotidiana dos/das jovens e das crianças no interior das CEUs, depreende-se disso as maneiras como organizam seus cotidianos, as relações de cuidado com as crianças engendradas entre os casais, com outros jovens ou sozinhas (considerando que a maioria são jovens que moram sozinhas com seu/a filho/a), a

²

Para facilitar ao leitor, doravante denominaremos a UEIIA de Ipê Amarelo

educação formal que possibilita convívio com outras crianças e as maneiras como jovens e crianças vivem suas juventudes e infâncias.

A pesquisa até o momento apresenta elementos que evidenciam uma “sinuosidade” (VILAR; GASPAR, 2000) nos percursos dos/das jovens, a partir da experiência da gravidez e por isso explicitam outra concepção de tempo, que é o tempo da experiência (MELUCCI, 2004), mas que se deparam com a emergência do tempo da vida da criança que não pode conter sinuosidades e esperas para crescer. A criança necessita de cuidado, atenção e afeto desde antes mesmo do seu nascimento. Para, além disso, evidencia-se uma ‘invenção do cotidiano’ (CERTEAU, 1994), jovens e crianças criam ‘modos de fazer’ (CERTEAU, 1994) já que as formas de organização cotidiana são plurais e dinâmicas, engendradas entre os pais, com as jovens e as crianças ou em alguns casos com a acentuada participação dos amigos jovens estudantes. Nesse sentido, a Casa do Estudante como um lugar instituído para moradia estudantil é transformado num espaço onde também habitam crianças. Crianças e jovens criam novas culturas, infância e juventude caminham juntas e vivem esses momentos de suas vidas de maneiras por vezes diferenciadas de crianças e jovens que vivem em outros espaços, visto a singularidade da moradia estudantil.

O estudo segue fundamentos epistemológicos da etnografia (ANDRÉ, 2000) essa metodologia prevê a utilização de uma variedade de instrumentos de produção de dados, bem como possibilita que a construção do objeto seja processual, realizado à medida que conhece com mais profundidade o fenômeno estudado. Para isso, a pesquisa utilizou diferentes instrumentos para a produção dos dados tais como: diário de campo, fotografias, vídeos, depoimentos, entrevistas e um acompanhamento constante da pesquisadora *in loco*. A cada semestre há saída e chegada de jovens pais e crianças, quando iniciamos a pesquisa, no primeiro semestre de 2010, contávamos com oito (8) crianças, esse número nos semestres posteriores diminuiu, já que alguns pais concluíram seus cursos e deixaram a moradia estudantil. Atualmente a pesquisa conta com quatro (4) jovens mães e dois (2) jovens pais, cada uma ou cada casal possui um/a filho/a, totalizando quatro (4) crianças.

Nesse artigo tentaremos problematizar as infâncias vividas no interior das CEUs, tentando perceber como a cultura universitária interfere na vida dessas crianças e de que modo as crianças produzem novas culturas a partir da sua presença no interior das casas. Nesta reflexão consideramos que não podemos falar em infância, mas infâncias, já que

mesmo vivendo num espaço comum as crianças vivem infâncias diferentes. As vivências das crianças no interior das CEUs demonstram que elas possuem uma estreita relação com a juventude, ou seja, diferente de crianças de outros espaços essas crianças convivem de maneira acentuada com jovens, amigos ou colegas de seus pais. Também convivem com outras crianças na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, espaço institucional que freqüentam e também com as outras crianças residentes na Casa.

A Casa do Estudante disponibiliza apartamentos com espaço para dois(2) estudantes, outros para quatro e outros para seis. As crianças não possuem oficialmente um espaço exclusivo, mas por conta de acordos internos e do grande número de vagas disponíveis para estudantes (considerando que a UFSM tem uma das maiores moradias estudantis da UFSM, possui em torno de 1900 vagas) algumas delas moram em apartamentos somente com as mães, havendo casos de crianças que residem com os pais e outros estudantes. Essas crianças vivem seus cotidianos rodeados por livros e materiais didáticos, por vezes acompanham as mães nos diferentes espaços como laboratórios onde são bolsistas e nas aulas (ou espaços onde cumprem obrigações acadêmicas) sendo comum os pais e outros jovens justificarem o fato de, as vezes, não poderem brincar com elas por ter que estudar para provas ou fazer trabalhos.

Destaca-se também o fato de que em alguns casos é muito comum as crianças durante o semestre letivo ficarem sob os cuidados dos avós ou pais nas cidades de origem por que a jovem mãe necessita viajar com projeto da faculdade ou não está dando conta em atender a criança devido o grande número de afazeres acadêmicos.

Para, além disso, evidencia-se que as maneiras como brincam e se divertem são as mais diversificadas, o brincar em nenhum momento lhes é privado, mas sim incentivado e valorizado pelas mães, pais e em alguns casos outros jovens que brincam com elas e as presenteiam com brinquedos. Dessa forma, podemos inferir que essas crianças, ao lado dos/as jovens, atuando como produtoras de cultura parecem transformar estruturas já pré – concebidas. Ou seja, conseguem abrir um lugar para si, conseguem um espaço dentro da casa do estudante que tenha marcas da infância. Também se pode perceber que, de certo modo, influenciam e são influenciadas pelas culturas juvenis e universitária, e, ao lado dos jovens

seus pais e de outros jovens constroem relações familiares não convencionais e no interior das CEUs modificam o lugar e as relações com suas maneiras infantis de ser e estar no mundo.

A criança na História – outros olhares

Nenhum presente é construído sem passado e nem um futuro existe sem esses dois. O lugar que a criança ocupa hoje, na história, nos quotidianos, não foi sempre o mesmo. Nem sempre é igual para todas as crianças, em todos os sítios, num mesmo tempo. (TREVISAN, 2007 p. 41)

Durante um longo período da história da humanidade as crianças ficaram ausentes de registros. Assim como as mulheres, as crianças não eram consideradas importantes para compor páginas da história. A ausência desses registros também revela o descaso com a criança, muitas vezes, abandonada a própria sorte. De Mause (1982) denuncia o descaso afirmando que quanto mais voltamos ao passado, mais encontramos indícios de maus tratos, violência e abandono sofrido pelas crianças. Esse descaso estava atrelado a uma concepção de infância que vimos se transformando ao longo do tempo.

Desde a publicação dos primeiros estudos sobre a infância percebemos uma significativa mudança em relação ao que pensávamos sobre o que é a criança. A concepção de criança como alguém a vir a ser, desconsiderava a criança como sujeito em si e constituía a ideia de que seria um sujeito no futuro, quando se tornasse adulto. Stimamiglio (2005) através dos seus estudos sobre a infância considera ocorreram muitas mudanças históricas em relação ao cuidado e até ao olhar dispensado às crianças. Os investimentos neste novo ser passaram a ser uma preocupação do período do Renascimento e evoluíram ao longo tempo.

Desse modo podemos perceber que enquanto fosse pequena a criança era compreendida apenas como alguém que apreende e incorpora o mundo, a partir da orientação dos adultos, ou seja, as crianças eram concebidas como seres passivos, como sujeitos menores, que por um lado nada acrescentavam ao mundo e por outro necessitavam de cuidado e proteção dos adultos.

No início do século XX novas concepções de criança emergem, mas apesar dos avanços, as preocupações centravam-se em áreas como a medicina, psicologia, com pouca interação com outras áreas como a educação, sociologia, antropologia e a história, dificultando a construção de uma concepção de criança “ator social”. Os estudos mais

contemporâneos mudam essa perspectiva e passam a estabelecer “a idéia de que as crianças realizam processos de significação da acção e estabelecem modos de monitoração que são específicos e genuínos” (SARMENTO; GOUVEA, 2009, p. 25). Essa perspectiva possibilita pensar na criança como um ser atuante, que sofre a influência dos adultos, incorpora concepções sobre o mundo, mas também possui certa autonomia para agir e produzir significados sobre o mundo. O simples fato do nascimento de uma criança, já provoca mudanças no contexto em que ela se encontra, sem contar que na medida em que cresce, vai intervindo e criando um universo próprio a partir de suas interações.

A antropologia tem um papel importante na construção da concepção de criança como sujeito ativo. Cohn (2005, p.28) argumenta que em suas pesquisas com as crianças xikrin, ela percebe que as crianças “não simplesmente aprendem as relações sociais em que têm e terão que se engajar ao longo da vida, mas atuam em sua configuração”. Fato semelhante pode ser observado em relação às crianças que vivem nas CEUs quando, por exemplo, uma das crianças filho de uma jovem estudante de artes cênicas que acompanha a mãe nos ensaios de peças teatrais e por vezes imita gestos e exercícios realizados nas peças teatrais. Nas brincadeiras dessa criança há um misto de linguagens próprias do teatro e de culturas infantis, quando, por exemplo, realiza exercícios apreendidos nos ensaios dizendo que é o Homem Aranha. Ao mesmo tempo em que remete a um desenho veiculado no cinema, os seus gestos parecem ser característicos das atividades do teatro. Corsaro (1997 *apud* Sarmento) define tal situação como “reprodução interpretativa”, ou seja, as crianças assimilam a seu modo, a partir de um olhar infantil as influências do mundo adulto.

Casa do Estudante e das crianças: a vida cotidiana das crianças no interior das CEUs

A vida não existe, ela tem que ser inventada. É por meio das formas que criamos como imagem ou como palavra que o olhar adquire a luz que lhe permite ver. A experiência do criar produz desequilíbrios, interrogações, dúvidas, surpreendendo a quietude repetitiva do mundo. (SOUZA; TESSLER; SLAVUTZKY, 2001, p. 7)

No interior das CEUs as crianças ao lado de suas mães e pais protagonizam formas de vidas próprias da contemporaneidade e de um contexto marcadamente estudantil e juvenil como é a Casa do Estudante. As crianças nascem e crescem em um ambiente que “não foi previsto para elas”, mas vivem ali por se constituir em uma saída viável para que seus pais,

ainda estudantes, possam continuar estudando. Estudantes e crianças fabricam juntos, no interior das CEUs e nos diferentes espaços da universidade um modo de estar presente no mundo.

A vida cotidiana desde a perspectiva de Pais (2003) pode ser considerado um objeto fragmentado e híbrido. “Nesta forma de aproximação social a realidade apenas se insinua, não se entrega [...] ela tem de ser imaginada, descoberta, construída” (Idem, p.27). A vida cotidiana das crianças institui-se no campo social. No caso das crianças moradoras das CEUs de um contexto multifacetado permeado por culturas juvenis e jovens, pela dinâmica da vida acadêmica e também por crianças com as quais tem contato diariamente na escola.

Segundo Pais (2003, p. 12), “escrever sobre a vida cotidiana só pode resultar numa mostragem-mosaico cuja forma expositiva metacomunica com a complexidade do que se pretende representar”. Partindo desse pressuposto falar sobre a vida cotidiana das crianças no interior das CEUs é tentar retratar situações e vivências por vezes díspares e sendo assim, singulares, que demonstram, como que em forma de colcha de retalhos, diferentes maneiras de organização cotidiana se evidenciam.

Ainda considerando Pais (2003, p. 130), que comunga com as idéias de Certeau (1994), “o tempo é o que dele fazemos e o espaço é um lugar praticado. Tempo e lugar são folhas em branco que só ganham sentido com a inserção, com a assinatura dos indivíduos que dele fazem parte”. O acompanhamento da rotina de crianças e jovens através das observações *in loco* revela que as maneiras como lidam com o tempo são subjetivas, por vezes não há uma fixidez de horários e ‘jeitos’ que se organizam para cumprir seus compromissos. Ou seja, “[...] os tempos quotidianos não são exclusivamente cíclicos, uma espécie de dança no mesmo lugar, uma “rodinha” na mesma pista de dança. (PAIS, 2003, p. 129)

Os jovens pais e mães vivem seus cotidianos tomando sempre como referência as crianças, seus filhos e filhas, ou seja, as maneiras como organizam seus cotidianos estão, na maioria dos casos, alinhadas com o bem-estar das crianças. Nesse sentido, a vida cotidiana é construída a partir da criança, revelando o protagonismo desses sujeitos nessa organização. Os finais de semana, passeios e festas são pensados levando em consideração o sujeito criança, filho ou filha, os horários que irão trabalhar ou cumprir outros compromissos acadêmicos sempre é pensado a partir da criança. Somente quanto aos horários de aula é que se torna inviável a tomada de decisão dos pais, é nesse momento que as crianças têm seus cotidianos a

maior influência da dinâmica da vida acadêmica. Além disso, os jovens, amigos dos pais e mães também tem seus cotidianos, suas rotinas mobilizados em torno das crianças, quando se preocupam em não fazer barulho para não acordá-los ou se propõe a dispensar parte de seu tempo para brincar com elas e auxiliar no cuidado das mesmas.

As crianças, ao habitarem num lugar criado para a moradia de estudantes, se estabelecem como atores e transformadores sociais. Segundo Certeau (1994, p.201-202) “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” e o “espaço é um lugar praticado”. Com isso, quer nos dizer que um lugar pode ser transformado num espaço pelas ações do ser humano. Assim, a Casa do Estudante Universitário, é transformada pelas crianças num espaço onde a infância também constrói história e sentido.

As crianças, moradoras das CEUs vivem seus cotidianos num espaço físico não pensado para elas, mas nem por isso deixam de brincar ou se divertir, mesmo dentro dos apartamentos inventam brincadeiras, criam histórias, ao lado dos pais e por vezes de amigos dos pais fantasiam personagens e exploram brinquedos. Os gramados do Campus, por vezes, também são transformados em espaços de brincadeiras e diversão. Algumas vão à escola em tempo integral, outras somente um turno, a instituição de educação infantil constitui uma importante aliada dos/as jovens na educação e cuidado das crianças, sendo que muitos/as jovens relatam que se não fosse a escola colocariam em risco tanto a vida acadêmica como convívio com os seus/as filhos/as. No tempo em que não estão na escola ficam em casa com os pais, por vezes acompanham o pai ou a mãe em suas aulas ou trabalhos e também os acompanham em passeios que os pais fazem com outros amigos estudantes da residência universitária.

Em alguns momentos da vida cotidiana das crianças e dos jovens há a necessidade das crianças ficarem sobre os cuidados dos avós ou pais nas cidades de origem, seja por que as mães ou pais necessitam viajar ou por conta do grande número de afazeres acadêmicos que por vezes inviabiliza a prática de cuidado das crianças. Nesse sentido por vezes há uma circularidade das crianças, como o caso de uma criança que durante o final do ano passado foi residir com a avó na cidade de origem e este ano novamente está residindo com a mãe na Casa do Estudante.

Diante disso, não há como afirmar que a vida cotidiana dessas crianças não sofre influência da dinâmica da vida acadêmica permeada por aulas, trabalhos, projetos, entre outros. Por outro lado, cada casal ou mãe procura organizar seus cotidianos de maneira a atender a infância, seus filhos e filhas. Não há uma fixidez e nem uma linearidade nas formas de organização, o que existem são diversas formas de *lidar* com tempo e coabitar no espaço.

O entrelaçamento entre Infância e Juventude: Infância e Juventude *caminhando* juntas

Nas últimas décadas, infância e juventude vêm ganhando visibilidade nas pesquisas acadêmicas e nas políticas públicas. Gil (2011) sinaliza que após os estudos sobre a infância terem sido alvo das atenções, principalmente durante a década de 80, na década de 90 os estudos sobre juventude ganham espaço. A partir disso, alguns consensos começam a ser delineados, como o entendimento do jovem e da criança como sujeito de direitos e produtores de cultura, essas concepções abrem espaço para novas visões sobre as crianças e os jovens.

Em nossa pesquisa, não podemos pensar infância e juventude de forma dicotômica, pois, crianças e jovens convivem juntos em espaços comuns e às vezes em atividades comuns. Nesse sentido as maneiras como vêm, representam e interatuam com o mundo, estão em interação. As culturas infantis e juvenis a todo o momento influenciam e são influenciadas uma pela outra e por outras construções culturais na qual fazem parte. Ou seja, “as culturas da infância vivem do vai-vém das representações do mundo feitas pelas crianças em interação com as representações “adultas” dominantes” (SARMENTO, 2007, p.23).

As crianças, ao levarem para o interior das CEUs brinquedos, mamadeiras, jogos infantis, brincadeiras das mais diversas, ao assistirem filmes, se *inspirarem* e comentarem sobre desenhos e personagens infantis, ou seja, construirão novos mundos e maneiras de ver o mundo estão também instituindo culturas próprias, que poderíamos chamar de culturas infantis. Com isso, podemos dizer que:

As crianças não são seres pré-sociais, objecto de processos de indução social pelos adultos, mas são seres sociais plenos, tal como quaisquer outros, em pleno processo de acção social, influenciando-a e sendo por ela influenciada [...] as crianças são produtoras de culturas próprias – as *culturas da infância*. (TREVISAN, 2007, p. 43).

Seguindo a ideia da autora consideramos neste trabalho que as crianças não são um *vir a ser*, existem no aqui e agora enquanto constroem as suas rotas na vida cotidiana e produzem a sua própria cultura. As culturas infantis influenciam os/as jovens não somente os pais, mas

também os/as outros/as jovens que convivem com as crianças. É muito recorrente ver os/as jovens brincando com as crianças e aprendendo com elas elementos sobre personagens, filmes e jogos infantis. Para, além disso, os/as jovens que participam do cuidado com as crianças também se familiarizam com aspectos próprios do cuidado e educação de uma criança desde pegar no colo até a impor limites, ou seja, há uma incidência de responsabilidade sobre eles/as uma vez que servem também como referências para as crianças.

Além disso, os diálogos com os/as jovens e as crianças, bem como as observações *in loco* evidenciam que a cultura universitária, intensamente juvenil, incide significativa influência sobre a vida das crianças, quando sinalizam as múltiplas profissões que gostariam de exercer, quando revelam uma prática de leitura e escrita em níveis avançados para as suas idades ou quando dizem que quando crescerem querem fazer um curso superior numa universidade federal.

Nesse sentido, no interior das CEUs as culturas infantis e juvenis *'conversam entre si'* e tem influência mútua, não há como pensar as crianças separadas dos jovens, nem vice-versa. Essa é uma configuração diferente de ser e estar no mundo na qual a pesquisa aponta e que necessita de um tempo maior de investigação para que possamos problematizar de forma mais acentuada, de modo a compreender “as artes de fazer” e “maneira de pensar investida numa maneira de agir” (CERTEAU, 1994).

Palavras Finais

Discorrer sobre as infâncias no interior da Casa do Estudante é tentar problematizar formas contemporâneas e singulares de viver as infâncias. È também falar de crianças que vivem em um lugar que não foi pensado para elas, mas que nem por isso deixa de ser o seu espaço, o espaço onde elas demoram como sendo sua casa, onde brincam, se divertem, aprendem e ensinam, influenciam e são influenciadas. Pensar sobre essas infâncias é, portanto, pensar sobre crianças cuja presença no mundo desestabiliza uma estrutura pré-concebida, que *movimenta* pessoas, que desencadeia novos rearranjos familiares e de organização cotidiana. Deste modo não há como pensar as infâncias das crianças moradoras das CEUs com um olhar míope e embaçado. Conforme Dornelles (2005, p. 102):

Pensar problematizando as infâncias é tentar entendê-las como os olhos de Alice e ver que tudo que se vive nela, se vive com os olhos fechados e que basta abri-los para que a vida desponte a sua frente. Olhar para estas infâncias, quem sabe com

olhos cheios de vida que queremos para todas as crianças, porque só as crianças conseguem espelhar a vida no seu olhar.

Dessa forma, não há como pensar as crianças como aquelas que somente estão sendo treinadas para a vida adulta ou passando por processos de socialização, mas também como aquelas que através de seu olhar, do ser e estar no mundo enquanto criança, sujeitos produtores de cultura e de vida, transformam suas realidades e tem papel importante na definição de suas próprias condições.

Referências

ANDRE, Marli; LUDKE, Menga. **Pesquisa Em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 2000.

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro** (6. ed). São Paulo: Perspectiva, 2007.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano** - as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DE MAUSE, Lloyd. **Historia de la infancia**- Alianza Universidad-1982.

DORNELES, Leni Vieira. **Produzindo Peagogias Interculturais na Infância**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MELLUCI, Alberto. **O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana – enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto [et.al.]; DORNELLES, Leni Vieira (Organizadora). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Cap. 1, p.19.

_____; GOUVEA, Maria Cristina Soares. (org) **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOUSA, Edson Luiz André; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão. **A Invenção da Vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

STIMAMIGLIO; Neusa Maria Roveda. **Lembranças de Infância - narrativas entrelaçando tempos e espaços**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em

Educação, Centro de Educação , Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TREVISAN, Gabriela de Pina. **Amor e afectos entre crianças: A construção social de sentimentos na interação de pares.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto [et.al.]; DORNELLES, Leni Vieira (Organizadora). **Produzindo pedagogias interculturais na infância.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Cap. 2, p.41.

VILAR, Duarte; GASPAR, Ana Micaela. **Traços Redondos.** In. PAIS, José Machado. **Traços e Riscos de Vida** – uma abordagem qualitativa dos modos de vida dos jovens. Porto: Ambar, 2000.